

**Grelha de Categorização da entrevista
(Educadora Maria)**

Categorias	Subcategorias	Indicadores
1. DIMENSÃO PESSOAL E PROFISSIONAL	1.1. Características pessoais	<ul style="list-style-type: none"> ▪ (...) sou uma pessoa muito honesta (...). (1) ▪ (...) uma pessoa muito franca nas minhas funções (...). (2) ▪ (...) sou uma pessoa muito sincera (...). (3) ▪ (...) tenho alguma dificuldade em fingir que gosto quando não gosto (...). (4) ▪ (...) acho que sou muito transparente, o que faz às vezes com que as pessoas fiquem com uma ideia errada a meu respeito (...). (5) ▪ (...) também me costumam acusar de ser uma pessoa fria e de ser uma pessoa mais agressiva, pela minha frontalidade, pela minha franqueza (...) isso às vezes acarreta algumas dificuldades nas minhas relações humanas com as pessoas (...). (6)
	1.2. Influência das características pessoais no desempenho profissional	<ul style="list-style-type: none"> ▪ (...) tem tudo a ver com as minhas características... eu como pessoa (...). (7) ▪ (...) eu até costumo dizer que a gente ensina mais aquilo que somos do que aquilo que aprendemos (...). (8) ▪ (...) a minha intervenção (...) pedagógica (...) tem a ver com aquilo que eu sou como pessoa (...). (9)
	1.3. Percurso profissional	<ul style="list-style-type: none"> ▪ (...) eu tirei (...) o curso de educadoras no Magistério Primário, que na altura eram três anos (...) dois anos de parte curricular e depois um ano de estágio (...). (10) ▪ (...) uns anos mais tarde fiz uma especialização em educação artística,

		<p><i>educação pela arte (...).(11)</i></p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>(...) fui sempre fazendo vários tipos de formações que eu gostava (...) de música, de dança, de expressão dramática (...). (12)</i> ▪ <i>(...) também fiz outras [formações] em computadores (...). (13)</i> ▪ <i>(...) fiz algumas em educação física (...).(14)</i> ▪ <i>(...) [há] vinte e oito anos [que sou educadora] (...). (15)</i> ▪ <i>(...) estou cá há vinte anos [a colaborar nesta instituição] (...). (16)</i> ▪ <i>(...) além de educadora sou Coordenadora Pedagógica (...). (17)</i> ▪ <i>(...) fui evoluindo em termos profissionais (...) fui sempre pesquisando e estudando, nunca parei (...). (18)</i>
<p>2. REPRESENTAÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR</p>	<p>2.1. Importância atribuída</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>(...) [tem] toda a importância do mundo (...). (22)</i> ▪ <i>(...) é muito bom as crianças irem para o jardim de infância, não só para brincar e para socializarem com as outras crianças, mas também para terem acesso a uma série de informações, fazerem uma série de aprendizagens (...) desenvolver as suas próprias capacidades (...). (23)</i>
	<p>2.2. Benefícios</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>(...) quando chegarem à escola (...) já levam uma série de aprendizagens realizadas, o que lhes vai facilitar (...) novas aprendizagens numa outra fase da vida (...). (24)</i> ▪ <i>(...) muitos, muitos (...). (25)</i>
	<p>2.3. O papel do educador</p>	
<p>3. A FAMÍLIA NA EDUCAÇÃO</p>	<p>3.1. O papel dos pais</p>	
	<p>3.2. Participação dos pais na vida do jardim de infância</p>	
	<p>3.3. Consequências da falta de trabalho</p>	

	colaborativo	
4. REPRESENTAÇÕES SOBRE A IDENTIDADE	4.1. Conceito	<ul style="list-style-type: none"> ▪ (...) o que eu gosto, o que não gosto, a importância que dou a determinadas coisas, quais são as coisas menos importantes e as mais importantes (...). (27)
	4.2. A identidade do educador	<ul style="list-style-type: none"> ▪ (...) à medida que fui aprendendo novas coisas (...) fui aplicando na prática, fui experimentando, fui gostando da experiência e, essa mesma experiência, fui passando para as outras pessoas que trabalham comigo (...). (19) ▪ (...) ensino sempre as outras pessoas que cá estão a trabalhar, a trabalharem com esta metodologia de trabalho e a assumirem (...) toda esta filosofia de trabalho (...). (20) ▪ (...) no fundo esta instituição é a minha cara, é aquilo que eu sou e que eu gosto, que depois acabo por passar a outras pessoas (...). (21) ▪ (...) quem me conhece, quem fala comigo (...) quem se reúne comigo, quem conversa comigo (...) fica a perceber como eu sou como profissional (...). (26) ▪ (...) já tive a experiência de uma vez uma colega minha ter feito uma comunicação (...) [em que] eu é que tinha estado por trás dessa comunicação toda, mas quem a foi apresentar foi ela e havia pessoas na plateia [que conheciam] muito bem o funcionamento [da instituição], conhecia-me muito bem e percebeu que embora estivesse outra pessoa a falar sobre um determinado assunto, sabia que tinha sido eu que tinha estado lá por trás, sem ser preciso ter-lhe dito nada (...) penso que é a tal identidade pessoal (...). (28)
	4.3. O papel do educador	
		<ul style="list-style-type: none"> ▪ (...) ocupa um lugar de destaque (...). (29) ▪ (...) a criança é o objeto (...) da educação pré-escolar (...). (30) ▪ (...) é ela [criança] que está lá (...) é ela que faz parte da educação pré-

	4.4. A identidade da criança	<p><i>escolar (...). (31)</i></p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>(...) ela [criança] é o ponto máximo (...) o ponto fulcral (...) da educação pré-escolar (...). (33)</i> ▪ <i>(...) é ela que está lá, é ela que é o meio, é ela que é o veículo (...). (34)</i>
5. ADEQUAÇÃO DO CURRÍCULO	5.1. Perspetiva curricular	<ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>(...) projeto (...). (50)</i> ▪ <i>(...) É o trabalhar em projeto que eu privilegio, que eu gosto muito porque acho que se consegue trabalhar em todas as áreas de conteúdo (...). (51)</i> ▪ <i>(...) tudo na vida está interligado e (...) para as crianças acho que é muito interessante fazer estas interligações todas (...). (52)</i>
	5.2. O documento <i>Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar tido como uma referência</i>	
	5.3. Adequação das atividades	<ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>(...) os adultos que a acompanham têm que saber as capacidades que aquela criança tem, em que fase etária está para poder (...) adaptar todas as atividades àquela criança (...). (32)</i>
6. REPRESENTAÇÕES SOBRE A GESTÃO DO AMBIENTE EDUCATIVO (ENFOQUE SOBRE A	6.1. Gestão dos materiais	<ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>(...) elas [crianças] têm tudo à mão (...). (53)</i> ▪ <i>(...) elas têm (...) folhas de desenho (...) têm os lápis, as tesouras, os marcadores (...). (54)</i> ▪ <i>(...) [têm] tudo de forma a que elas tenham acesso fácil a esses materiais, para lhes criar também alguma autonomia, porque eles vão aprendendo a ser mais autónomos (...). (55)</i> ▪ <i>(...) apetece-lhes fazer um desenho elas [crianças] podem ir buscar as folhas, podem ir buscar os lápis ou outro material, apetece-lhes fazer plasticina o material está à mão (...). (56)</i> ▪ <i>(...) se lhes apetece brincar na casinha das bonecas eles têm os materiais também à mão, para poderem realizar essas mesmas brincadeiras (...). (57)</i>

CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NA CRIANÇA)		<ul style="list-style-type: none"> ▪ (...) os jogos também estão à mão deles (...). (60)
	6.2. Gestão dos espaços	<ul style="list-style-type: none"> ▪ (...) todo o espaço foi criado e pensado a levá-los a ser responsáveis (...). (57) ▪ (...) têm de ser responsabilizados pela desarrumação e, ao mesmo tempo, pela arrumação (...). (58) ▪ (...) todo o espaço foi pensado nestas faixas etárias, na criança em si e nas necessidades que elas têm (...). (61)
	6.3. Gestão do tempo	<ul style="list-style-type: none"> ▪ (...) o tempo também é pensado (...). (62) ▪ (...) eles estão cá mais ou menos oito a doze horas (...) o tempo está todo dirigido (...) por fases do dia (...). (63) ▪ (...) Há o período do acolhimento (...) quando nós estamos a receber as crianças e, ao mesmo tempo, vão realizando algumas atividades (...). (64) ▪ (...) nós consideramos algumas atividades livres, o desenho, as pinturas, a plasticina, os recortes e as colagens, os jogos, brincar na casinha das bonecas (...) o ver livros na biblioteca (...) isto é tudo o que eles podem ir fazendo durante este período (...). (65) ▪ (...) a partir das dez horas, como já todas as crianças chegaram começam a haver algumas atividades dirigidas, ou dentro das expressões, ou então outra atividade dirigida (...). (66) ▪ (...) esperamos que o grupo chegue todo para reunir e poder conversar com eles, para pode fazer (...) outro tipo de atividades mais dirigidas (...). (67) ▪ (...) têm o período da higiene, antes de irem para o almoço (...) vão almoçar e depois de almoço têm outro período de higiene (...) depois vão dormir (...). (68) ▪ (...) Depois acordam e voltam novamente a ter outro período de higiene

		<ul style="list-style-type: none"> ▪ (...) vão lanchar (...) têm outro período de higiene (...). (69) ▪ (...) a parte da tarde são sempre tardes livres de brincadeira (...). (70)
<p style="text-align: center;">7. DESENVOLVIMENTO GLOBAL DA CRIANÇA (ENFOQUE SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA PERSONALIDADE E DO COMPORTAMENTO SOCIAL</p>	<p style="text-align: center;">7.1. O papel do educador</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ (...) no desenvolvimento da personalidade não (...). (35) ▪ (...) eu acredito que nós [educadoras] tenhamos alguma influência [no desenvolvimento da personalidade] e que (...) consigamos semear algo de bom ou algo de mau (...). (36) ▪ (...) nós também podemos semear coisas más nas crianças, depende um bocado da nossa postura e daquilo que lhes passamos, dos princípios morais, de uma série de princípios que fazem parte da educação (...). (37) ▪ (...) nós podemos tentar semear qualquer coisa de bom e ela [criança] pode estar aberta e assimilar (...). (40) ▪ (...) depois nós podemos entrar com mais força ou menos força (...). (43) ▪ (...) depende um bocado da postura e da atitude do adulto que está na instituição (...). (44) ▪ (...) dentro da instituição ou dentro de um grupo de crianças, tem de haver regras, regras de comportamento (...).(45) ▪ (...) é a tal semente que nós podemos semear nas crianças (...).(46) ▪ (...) desenvolver nelas [crianças] o saber estar com o outro, o saber respeitar, o saber esperar (...) são tudo regras que são muito trabalhadas no jardim de infância, porque se trabalha em grande grupo (...). (47) ▪ (...) Eles [crianças] aprendem a esperar, aprendem a falar no momento certo, vão aprender que não podem bater, que não podem empurrar (...) são atitudes reflexivas (...) da criança, que faz isto quase instantaneamente, mas que nós, os adultos, estamos cá, no fundo, para travar, para contornar, para educar, para passar um pouco [essas regras] (...). (48) ▪ (...) dar-lhe determinadas razões de forma a que ela entenda e que ela vá crescendo com essas mesmas regras que são importantes para quando ela

		<i>for adulta saber viver em sociedade (...). (49)</i>
	7.2. O meio familiar	<ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>(...) a criança já vem, de certa forma, formatada (...) do seu meio familiar (...). (38)</i> ▪ <i>(...) o meio familiar (...) tem um papel muito grande na formação da criança (...). (39)</i> ▪ <i>(...) depende um bocado da criança (...) mas principalmente do meio, de onde ela vem, do meio familiar (...). (41)</i> ▪ <i>(...) aqui o meio familiar (...) é o que tem maior força (...). (42)</i>
	7.3. Estratégias e atividades desenvolvidas	<ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>(...) as estratégias, às vezes, é que mudam de criança para criança, porque aí (...) tem a ver com a personalidade da criança (...). (74)</i> ▪ <i>(...) quando há um trabalho mais individualizado (...) temos de ter em conta a personalidade da criança, o feitio, porque se há crianças que são logo muito responsáveis, muito maduras, há crianças com exatamente a mesma idade real, que não são tão maduras, não são tão responsáveis, não são tão concentradas, não têm tanta atenção e necessitam de um maior incentivo, de um maior estímulo porque caso contrário (...) elas não conseguem realizar as atividades (...). (75)</i> ▪ <i>(...) estou a falar do que vai desde uma atividade simples, portanto todas aquelas atividades livres (...) até uma atividade mais dirigida, portanto mais complexa (...). (76)</i> ▪ <i>(...) aqui (...) temos de ter em conta a personalidade da criança, porque se para umas funciona uma determinada estratégia, para outras funciona outra estratégia completamente diferente (...). (77)</i> ▪ <i>(...) com umas [crianças] (...) nós podemos ser mais brandas, na sua exigência, com outras temos de exigir mais delas, porque elas têm capacidade para ir mais longe (...). (78)</i> ▪ <i>(...) a expressão dramática (...) é um jogo, é uma atividade onde se trabalha muito todas essas características da personalidade na criança (...). (83)</i>

		<ul style="list-style-type: none"> ▪ (...) a dança educativa também é uma atividade onde se trabalha muito, porque exigem muitas regras, exige muita atenção, e aquelas crianças menos atentas, normalmente, também apresentam comportamentos menos adequados dentro destas atividades (...). (84) ▪ (...) numa [atividade] (...) é proporcionado levá-los (...) através do jogo, a passarem cá para fora um pouco daquilo que elas são (...). (85) ▪ (...) na outra [atividade] controla (...) embora se trabalhe também a expressão, mas de uma forma mais controlada (...). (86) ▪ (...) há crianças mais sensíveis e outras menos sensíveis (...) aqui podemos refrear um pouco mais a forma (...) como nos dirigimos a eles (...). (80) ▪ (...) quando as crianças falam, quando são mais agressivas no seu comportamento social para com a outra (...) com estas crianças temos que ser mais firmes (...). (81) ▪ (...) há outras crianças que a sua agressividade é mais esporádica, não é frequente (...) aqui nós não temos de ser tão firmes, ou podemos ser firmes mas deixando uma porta aberta (...) deixando que a criança fique a pensar nesse assunto sem ter a necessidade de sermos tão firmes ou tão rígidas (...). (82) ▪ (...) Os jogos na motricidade desenvolvem muito (...). (87) ▪ (...) fazem-se perfeitamente jogos sociais, onde são submetidas regras que eles têm de respeitar (...). (88) ▪ (...) dentro da sala, o serem alinhados em comboio (...). (89) ▪ (...) o saberem (...) que há uma caixa de marcadores e de lápis de cera, e essa caixa tem de andar de um lado para o outro, tem de ser partilhada por todos(...). (90) ▪ (...) eles têm de se habituar a partilhar (...). (91) ▪ (...) são estratégias (...) que se aplicam, ao seu desenvolvimento social de forma a que eles saibam o que é a partilha (...). (92) ▪ (...) trazem (...) bolos de casa, bolachas, saberem que chegam mas que também têm de dar bolachas aos amigos (...). (93)
--	--	---

		<ul style="list-style-type: none"> ▪ (...) <i>saberem partilhar também aquilo que trazem de casa (...). (94)</i> ▪ (...) <i>saberem emprestar (...). (95)</i> ▪ (...) <i>tudo isto é-lhes passado diariamente (...)</i> a importância de partilhar, do emprestar, hoje empresto eu e amanhã emprestas tu (...). (96)
	7.4. Objetivos educativos	<ul style="list-style-type: none"> ▪ (...) <i>não tem a ver com a personalidade da criança (...). (71)</i> ▪ (...) <i>tem a ver com a faixa etária (...). (72)</i> ▪ (...) <i>tem a ver com o desenvolvimento da criança (...). (73)</i> ▪ (...) <i>no comportamento social tem a ver com a criança em si (...). (79)</i>